_ SEG_ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Elio Gaspari _ Hugo Sartorio (quinzenal) _ Washington Oliveira (quinzenal)
_ TER_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Saviano (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX_ Vera Magalhães _ Fábio Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM_ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

DORRIT HARAZIM

blogs.oglobo.globo.com/epiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

Ser quem somos

Entre os feitos do britânico C.S. Lewis estão ter sobrevivido às trincheiras da Primeira Guerra Mundial e ser o autor das "Crônicas de Nárnia", cujos sete volumes venderam mais de 100 milhões de exemplares e foram adaptados para TV, cinema, teatro, videogame. Em 1939, portanto às vésperas do conflito mundial seguinte, ele deu uma palestra na Universidade de Oxford. O tema era uma indagação: "O belo importa quando bombas começam a cair?".

Como não? — respondeu ele.

A condição humana sempre foi feita de contendas, caos e dor. Vivemos inexoravelmente à beira do precipício, mas a cultura também emerge, sempre. Se adiássemos a busca do conhecimento e a procura do belo até haver alguma paz, nem sequer as pinturas rupestres existiriam.

— O ser humano propõe teoremas matemáticos em cidades sitiadas, conduz argumentos metafísicos em calabouços, faz piadas em cadafalsos e penteia o cabelo em trincheiras. Isso não é *panache*; é nossa natureza — argumentou.

A matemática lhe dá razão. Historiadores já calcularam que, ao longo de toda a trajetória humana, tivemos até hoje míseros 29 anos sem que alguma guerra estivesse em curso em algum ou em vários pontos do planeta. Atualmente, o portal Rule of Law in Armed Conflicts Online (Rulac), da Universidade de Genebra, monitora mais de 110 conflitos armados a espalhar desgraças. Ucrânia e Gaza são apenas os mais visíveis.

É neste mundaréu atritado que se comemorou, na semana passada, mais um Dia Internacional da Mulher. Haja fôlego para ainda precisarmos tanto desse reconhecimento com efeméride, apesar das distâncias já caminhadas. Boa oportunidade para querer ir além, alcançar o mais difícil para qualquer bípede: encontrar a si mesmo. O poeta e.e. cummings (em minúsculas, como ele gostava) sabia das coisas quando escreveu que "para sermos aquilo que somos — num mundo que se dedica, dia e noite, a fazer com que sejamos como os outros —, é preciso embrenhar-se na luta mais árdua de nossas vidas". Tinha razão o poeta, visto que, para alcançar algum grau de autoconfiança, cabe a cada um construir sua ponte individual sobre o rio da vida. Como já se escreveu aqui, quase todo ser humano é capaz de aprender a pensar, a fazer, a saber; mas nenhum ser humano consegue ser ensinado a sentir. O motivo? Porque, em qualquer atividade outra que não a sensorial, somos sempre a soma de outras pessoas, enquanto no sentir somos únicos — somos só nós mesmos, verdadeiros. E é apenas a partir desse "eu" raiz, secreto e íntimo, que adquirimos coragens, selecionamos lutas, armazenamos confiança, arriscamos mudanças.

De volta à necessidade do belo enquanto bombas explodem à nossa volta, o mesmo e.e. cummings soube como poucos, por meio da arte, ser ninguém outro que ele mesmo. Deu um conselho sobre a busca pela palavra certa para jovens candidatos a poetas: se, ao final de dez ou 15 anos de tentativas, eles percebessem ter conseguido compor uma única linha de um só poema, poderiam considerar-se sortudos.

— Daí meu conselho para quem deseja dedicar-se à poesia: a menos que você esteja disposto a lutar até morrer em nome de cada palavra, é melhor fazer algo mais simples como aprender a explodir o mundo. Isso soa sombrio? Não é. Essa é a vida mais esplendorosa do mundo — concluiu.

Estava com 53 anos e morreu em nome de cada palavra arrancada de si.

Coisa para poucos.

A nós, como sociedade, que na definição do francês Frédéric Gros "não sabemos mais viver, apenas ocupamos o mundo e consumimos", sempre resta a oportunidade de dar um *restart*. Coisa difícil e tortuosa, pois nenhuma travessia expõe tanto nossa vulnerabilidade e nossa força como começar algo novo. Mergulhar no extraordinário e assustador desconhecido do possível embute riscos e exige confiança. Receitas não faltam, tanto por parte de pensadores universais como em livros de autoajuda: expandir ao máximo os campos de interesse; cultivar a dúvida que permite erros e correções; desconfiar de certezas absolutas; repelir o discurso mecânico, qualquer que seja a nobre causa; saber que o desprezo pelo que não é compreendido nunca é um sentimento democrático.

Mulher combina com democracia. Não dá rima, mas dá alegria. É uma delícia poder gostar de ser mulher.

Se adiássemos a busca do conhecimento e a procura do belo até haver alguma paz, nem sequer as pinturas rupestres existiriam

ARTIGO

Em busca do país Real

EDMAR BACHA

Em 1974, escrevi uma fábula sobre o reino de Belíndia, mistura de Bélgica com Índia, um país em que o crescimento econômico beneficiava somente a parcela mais rica da população. Em 1984, imaginei em nova fábula uma reunião de economistas no Sambódromo para discutir como dar fim à inflação no país dos contrários, em que tudo funcionava de trás para a frente, inclusive o próprio nome do país, Lisarb. Após a redemocratização, Mário Henrique Simonsen cunhou o termo Banglabânia, mistura de Bangladesh com Albânia, para expressar sua preocupação com o risco de empobrecimento do país como consequência das tendências autárquicas e estatizantes da Constituição de 1988. Em 1994, Delfim Netto concebeu a Ingana, mistura de Inglaterra com Gana, para criticar o governo que aumentava os impostos como se estivesse num país europeu, enquanto oferecia serviços públicos de terceiro mundo. As manifestações de rua de 2013 trouxeram à tona outra caracterização, que denominei de Rumala, triste combinação de Rússia com Guatemala: uma elite corrupta associada a uma alta taxa de criminalidade. Como se não bastasse, ao promover a devastação da Amazônia e a ocupação pelo garimpo ilegal dos territórios indígenas, o governo de Bolsonaro me sugeriu criar Brasa, um país em chamas, completando essa peculiar lista.

Esses países imaginários designam males múltiplos presentes na atualidade brasileira: desigualdade, preços surreais, pobreza, introversão, estagnação, impostos sem contrapartida de serviços, corrupção e violência, ataques ao meio ambiente e aos povos originários.

O Plano Real permitiu abolir dois males históricos da economia brasileira, a alta inflação e as crises de balanço de pagamentos. Entretanto, afora curtos espasmos determinados pelo ciclo das *commodities*, o Brasil continuou a crescer a taxas muito baixas. Não se trata de fenômeno incomum. É conhecido como armadilha da renda média na literatura internacional. Uma coisa é transitar da renda baixa para a renda média. Outra coisa é sair da renda média para alcançar o nível de renda dos países ricos.

O Plano Real permitiu abolir dois males históricos da economia, a alta inflação e as crises de balanço de pagamentos

Desde a Segunda Guerra Mundial, deixando de lado o caso peculiar dos países do Golfo Pérsico produtores de petróleo, identifiquei 12 países que conseguiram fazer a transição da renda média para a renda alta: Coreia do Sul, Hong-Kong, Israel, Cingapura e Taiwan (exportando bens industriais); Espanha, Grécia, Irlanda e Portugal (exportando serviços, inclusive mão de obra); e Austrália, Nova Zelândia e Noruega (exportando recursos naturais). Cada um de acordo com suas vantagens comparativas, todos integrados ao mundo. O Brasil segue isolado do comércio exterior.

Ao contrário desses países que ascenderam ao grupo dos ricos, o Brasil é um país grande, desigual e fechado. Mantendo a unidade nacional, deveria ser possível desenvolvê-lo reformando os outros dois polos da trindade que nos distingue dos casos de sucesso — a introversão e a desigualdade. Afinal, o tamanho do mercado interno poderia ser um trunfo para a abertura — uma plataforma para as empresas brasileiras se expandirem para o mercado externo. Entretanto atualmente parece ser um impedimento, em consequência de uma política protecionista que explora com preços surreais os consumidores brasileiros e dá as costas para o mundo. Exemplo disso é a recém-anunciada Nova Política Industrial, com suas tarifas, requisitos de conteúdo nacional e preferências para compras governamentais.

A democracia é nosso grande trunfo, como demonstra o sucesso do Plano Real — exemplo maior da união da boa técnica com a Política com P maiúsculo. Nosso desafio é conseguir canalizar a força da democracia para a construção de um país rico, justo, sustentável e aberto ao mundo. Diante dos desatinos de Bolsonaro, dos equívocos de Lula, da voracidade do Centrão e do desmonte da Lava-Jato pelo STF, é razoável duvidar da viabilidade dessa empreitada. Mas a busca por um país Real segue em frente.

Edmar Bacha é economista. Este texto é extraído de artigo para livro sobre os 30 anos do Plano Real a sair em junho pelo Selo História Real da Editora Intrínseca

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

O 'tô nem aí' de Tarcísio

Assim que venceu a eleição de 2022, Tarcísio de Freitas deu início a uma operação de reposicionamento. Queria suavizar a imagem e se descolar da extrema direita. "Nunca fui bolsonarista raiz", jurou, dias antes da posse. "Sou cristão e contra o aborto, mas não vou entrar em guerra cultural", prometeu.

Com ambições presidenciais, o governador de São Paulo foi aconselhado a se vender como um político moderado. Na sexta-feira, abandonou o teatro e rasgou a fantasia.

Entidades civis denunciaram a polícia paulista ao Conselho de Direitos Humanos da ONU. Relataram ameaças, torturas e execuções sumárias na Baixada Santista. Questionado sobre o assunto, o governador respondeu em tom de deboche. "O pessoal pode ir na ONU, na Liga da Justiça ou no raio que o parta, que eu não tô nem aí", disse.

Antes de chegarem a Genebra, as acusações fizeram escala no Ministério Público. Dossiê chancelado pela Ouvidoria da Polícia, pela Comissão Arns e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública enumerou irregularidades e abusos na segunda fase da Operação Escudo. O documento descreveu uma PM sem controle, que parece ter carta branca para atuar fora da lei.

Números oficiais reforçam a suspeita de que a violência é autorizada. Em pouco mais de um ano sob o comando de Tarcísio, a polícia promoveu as duas maiores matanças registradas no estado desde o Massacre do Carandiru. Entre julho e setembro de 2023, a primeira fase da Escudo deixou 28 mortos na Baixada. Entre janeiro e fevereiro de 2024, a Promotoria contou mais 54 mortes em ações policiais na região.

De olho em 2026, governador de SP ensaiou se descolar de Bolsonaro. Ao ironizar crítica à letalidade policial, rasgou a fantasia de moderado

Eleito com os votos de Jair Bolsonaro, Tarcísio dedicou os primeiros meses a se diferenciar do padrinho. Depois do 8 de Janeiro, foi visitar o presidente Lula e deu declarações contra o extremismo. Mais tarde, reuniu-se com o ministro Fernando Haddad e elogiou a reforma tributária. A pose de direitista civilizado irritou o capitão, que passou a fazer críticas públicas ao pupilo.

O pito surtiu efeito. Para agradar o chefe, o governador defendeu o batismo de uma ponte com o nome do coronel Erasmo Dias, símbolo da repressão na ditadura. Depois perdoou R$ 1 milhão em multas aplicadas a Bolsonaro por infrações sanitárias na pandemia. Além de desfalcar os cofres estaduais, premiou o negacionismo e o descaso com a saúde pública.

No mês passado, Tarcísio discursou no comício convocado pelo ex-presidente para tentar se livrar da cadeia. Em outro ato de subserviência, ofereceu hospedagem a Jair e Michelle no Palácio dos Bandeirantes.

Eleito após sete mandatos consecutivos do PSDB em São Paulo, o bolsonarista busca ocupar mais um espaço que pertencia ao partido: o de preferido do poder econômico. Já aprovou a venda da Sabesp e promete desestatizar os serviços de trem e metrô.

Ao peitar uma greve contra as privatizações, ele somou mais alguns pontos com o establishment, que ainda procura candidato para 2026. Mas quem comprar seu bilhete não poderá dizer que apostou num liberal. Vai levar no pacote o "tô nem aí" para a barbárie.